

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Fevereiro de 2021

Dias de lutas, sempre. E de glórias, quando? Brasil e a força de um povo guerreiro!

Nem parece, mas 2 meses já se passaram. A velocidade como tudo se move e acontece nos tempos atuais chega a assustar. E um “jingle” de um antigo banco continua mais atual do que nunca, e lembremos sutilmente dele: “O tempo passa, o tempo voa e a poupança...”. Mas infelizmente algumas coisas não continuam numa boa. Muito menos o investimento que esse “jingle” fazia alusão à época. Os mais “experientes”, digamos, rapidamente entenderão a mensagem.

As lutas sempre fizeram parte da vida de todos nós brasileiros. E resiliência se tornou mais que uma simples palavra ou um adjetivo, para se tornar um verdadeiro e necessário “estado de espírito”. Dúvidas e incertezas (os chamados “se’s”) estão quase sempre presentes em nossa trajetória.

Em uma conversa recente com amigos, aquele “papo descontraído de boteco” com assuntos dos mais variados, me deparei com uma enorme quantidade de “se’s” proferidos, quase de forma incessante em nossos diálogos. “Se” nossos governantes isso... “Se” o Congresso aquilo... E “se” o STF... E “se” as vacinas... E “se” as taxas de juros subirem? E “se” a taxa de desemprego... “Se’s” não faltaram como podem ver. Incertezas, as mais variadas. Fácil não!

Mas, independentemente de onde viemos e para onde vamos, temos que seguir firmes em todos nossos propósitos e buscar fazer sempre o nosso melhor em tudo. Para finalizar a introdução feita, cito uma frase de Frederick Douglas¹: “Sin lucha, no hay progreso”. Ditado esse que dispensa legendas.

Pois bem, chegou a hora de virarmos a página, e adentrar nos principais fatos e acontecimentos que nortearam o referido mês de fevereiro mundo afora.

Sobrevoando a América do Norte, mais especificamente no território da maior economia do planeta (EUA), o país entrou em ritmo acelerado de vacinações. Já são quase 5% da população vacinada com as duas doses e totalmente imunizada, trazendo alento à população local. Lembrando que janeiro foi mês de recordes de infecções diárias, hospitalizações e mortes por lá. E neste sentido, Mr. Biden disse que não poupará esforços para vacinar toda a “América” até julho deste ano. A redução de casos já foi percebida, entrando inclusive em declínio segundo informações de autoridades locais de saúde. Vidas e mais vidas agradecem!

Sem comparação na escala de prioridades, mas com seu grau de relevância, democratas e republicanos retomaram no início do mês as discussões sobre o pacote de estímulos, que poderiam chegar à cifra de US\$ 1,9 trilhões. Mesmo tais conversas se dando em ambiente e tom mais amigável, os republicanos fizeram por onde e tentaram de alguma forma “azedar a maionese” dos democratas ao tentar desidratar o pacote. Nada de “sombra e água fresca” entre rivais de congresso, já que na política é assim, onde quer que seja. Até Mrs. Janet Yellen, a secretária do Tesouro Americano, defendeu publicamente um pacote robusto, citando o “risco de uma retomada mais vagarosa” da economia, se os EUA não aprovarem tal medida na íntegra. Mas na madrugada do penúltimo dia do mês, representantes da Câmara Norte Americana aprovaram o pacote, que segue agora para apreciação do Senado. Aguardemos o desenrolar deste imbróglio.

Sobre a possibilidade de a inflação rondar? Sem problemas. Deixe-a em segundo plano neste momento. “We can, american people!”

Na esteira de outros acontecimentos, tivemos a absolvição de Mr. Trump em seu processo de impeachment. Vitória com certo sabor de derrota, já que por pouco mais de 10 votos não se confirmou o referido pedido, o que o tornaria ilegível a concorrer a outros cargos políticos. E se isso importa a ele em suas pretensões futuras, jamais saberemos.

Já no campo econômico, a divulgação do relatório sobre criação de vagas de emprego do setor privado e a fala de Mr. Jerome Powel, também ganharam destaques no mês. A começar pela fala do “big boss” do FED (Federal Reserve Americano), que destacou “não ter intenção de retirar estímulos da atividade neste momento”, com “manutenção de juros em patamar baixo, e que continuará comprando ativos”. Os mercados suspiraram, e reagiram positivamente logo na sequência. Nesse contexto, um mínimo de previsibilidade em tempos de horizontes obscuros conforta o “coração arredio” dos mais diversos tipos de investidores.

⁽¹⁾ *Abolicionista, estadista e escritor estadunidense, nascido em 1818.*



Quanto à criação de postos de trabalho, a pesquisa ADP (Automatic Data Processing), uma prévia do Payroll americano, surpreendeu positivamente. Apenas o setor privado criou 174 mil novas vagas, uma importante melhora quando comparado a perda de postos de trabalhos em dezembro de 2020 (quando 80 mil empregos deixaram de existir). Em tempos de pandemia como a que vivemos há quase um ano, dados positivos sempre há de ser comemorados.

Voando para bem mais longe, e aterrissando em terras asiáticas, o Japão entrou forte na “briga” por compra e mais compras de doses de vacinas. É quase um “chega pra lá” em alguns países, principalmente europeus, que ainda não aceleraram suas compras de vacinas, qualquer que seja o motivo. Querem imunização para seu povo “para ontem”. E embora educados, disciplinados e com sabedoria milenar, há de se convir que “ippon” é com eles mesmo. Banzai nobre imperador!

No campo econômico, o fantasma da deflação sempre estará nos radares nipônicos. A curva de juros no curto prazo se mantém negativa em 0,1% e no longo prazo, positiva em 1,0%. Tudo para continuar promovendo estímulos e tirar o país da zona de estagnação que se encontra há décadas. O PIB, que cresceu em torno de 3% no último tri/20, apenas amenizou o resultado anual, que ficou negativo em 4,8%. Contudo, o BC japonês elevou expectativas com previsão de crescimento para o próximo ano fiscal, podendo alcançar o patamar de 3,9%.

Na China, o início de mês foi marcado por festas. Afinal, o Ano Novo chinês começou em 12 de fevereiro. E acreditem, é o Ano do Bull (touro)! Será um sinal a comemorar em Wall Street? Aos supersticiosos, sim. Ademais, a considerar certa desconfiança de investidores quanto à pressão inflacionária no mundo, alguns índices locais já começaram a reagir a esse sinal. Isto porque dados do CPI e PPI chinês (índice de preços ao consumidor e ao produtor local) começaram a se descolar da curva histórica de juros dos últimos anos. Resultado de uma equação que envolve há anos uma volúpia e desenfreada demanda por petróleo, aço e alimentos, culminando em vertiginoso crescimento de PIB por anos seguidos. Adiciona-se a essa conta, repasses da alta de preços de insumos, além de outras commodities. A conta pode estar chegando. Qual efeito prático disso para o mundo? Difícil prever, mas em se tratando do gigante asiático, os reflexos podem respingar como sempre em outras economias.

Antes de retornar para “terras tupiniquins” (um adorável pejorativo a lá brasilis), faremos uma rápida escala pela Europa. Dados de atividade da região surpreenderam o mercado positivamente, ainda que os indicadores de inflação por lá tenham deixado investidores um tanto quanto receosos. Na Alemanha, o ano de 2020 terminou “melhor que o esperado”, conforme divulgado. Dados da economia no 3º tri/20 fecharam positivos em torno 0,3%. Porém, no acumulado do ano a retração alcançou 4,9%. As expectativas eram de um resultado ligeiramente maior, já que o país vinha conseguindo recuperar gradualmente o volume de exportações, sua grande força motriz. Dito isso, o déficit orçamentário ficou em torno de 140 bilhões de Euros, interrompendo uma série de quase uma década de superávit. De fato, a vida não está fácil para ninguém, nem para o país do 7x1. Mas esqueçamos esse triste episódio da nossa página esportiva.

No Reino Unido, notícias mais animadoras em relação ao COVID-19. Tanto que regras de Lockdown impostas recentemente foram suavizadas. E o início das vacinações contribuíram positivamente para esse cenário, trazendo “luz ao fim do túnel”. A retomada da atividade local é fundamental neste momento, já que o “custo” do BREXIT será pesado, e certamente custará alguns bilhões de euros aos cofres londrinos, equivalente a algo como 2% a 2,5% do PIB nos próximos dois anos. Mr. Boris Johnson, premier britânico, continuará a perder dias de sono certamente. Ainda assim, as expectativas locais dão conta de que o Reino Unido deve ter um crescimento em torno de 10 a 11% até o final de 2022, com o PIB voltando aos níveis anteriores da pandemia. A realeza agradece esse rebuscado otimismo!

Em contrapartida, países que dependem mais do turismo, casos de Portugal, Espanha e Itália, devem naturalmente continuar sofrendo mais, e a recuperação da atividade tende ser inevitavelmente mais lenta. Um passo de cada vez, já que não dá para ter tudo ao mesmo tempo, certo? Evidentemente, as vacinas continuam sendo a única e melhor solução a ser perseguida no curto prazo, embora incertezas não falem no horizonte. “Que tempos são estes, em que temos que defender o óbvio?”, diria Bertolt Brecht, dramaturgo e poeta alemão do século XX.

E para finalizar nosso tour em continente Europeu, Mrs. Christine Lagarde, Presidente do BC local, reforçou publicamente a necessidade de se manter políticas fiscais e monetárias em perfeita harmonia e união, entre todos os Estados membros. A autoridade monetária para a região do Euro, disse ainda que, embora continuem sendo cruciais as medidas de apoio fiscal, essas precisam ser direcionadas em ações que contribuam para o crescimento econômico.

Enfim, chegamos à terra amada e idolatrada, Brasil. E por aqui como não poderia deixar de ser, o mês foi recheado de notícias quentes e efervescentes.

O presidente do Banco Central do Brasil, Sr. Roberto de Campos Neto, em uma de suas costumeiras aparições nos meios, disse entender a preocupação e ansiedade com o cenário de inflação, mas evidenciou que “não se pode ter uma visão míope” e “que para se fazer política monetária precisa mirar o longo prazo”. Até aí tudo bem, compreensível! Mas a questão é, que em se tratando de Brasil e suas conhecidas nuances, ações apenas a longo prazo minam mais a saúde de todos. Somos imediatistas por natureza. Embora saibamos que a “pressa é inimiga da perfeição”, é difícil ancorar esperanças em um futuro distante e incerto, quando tudo que precisamos é para ontem. No Brasil as coisas são assim, meus caros! Difícil esperar mais tempo para chegar os tão “sonhados dias de glórias”! O brasileiro nato, aquele que está na labuta desde muito cedo, por mais forte e resiliente que seja, está cansado, deprimido e vulnerável. Haja ansiolíticos, iria me dizer um “calmo e amigo de longa data”.

Contudo, o que avança no radar é a alta da inflação. Aumento da taxa de juros é questão de tempo e ocorrerá mais rápido do que imaginávamos dias atrás.

E por falar em Banco Central, por 363 votos a favor e 109 contra, o plenário da Câmara aprovou o projeto de lei que lhe confere total autonomia. Sai, enfim, do papel um projeto que doravante permitirá a autarquia atuar mais diretamente nas ações de controle e combate da “marvada” inflação.

Em relação a alguns índices divulgados, destaques para IPCA-15, que é uma espécie de prévia da inflação. O índice cresceu 0,48%, o maior resultado para o mesmo mês desde 2017. Neste ano, o IPCA-15 acumula alta de 1,26%. Em 12 meses, a variação acumulada é de 4,57%, acima do centro da meta para o ano (3,75%). Os grupos que mais impactaram foram transportes e artigos de residência, seguido por educação. E por falar em índices, o IGP-M acumulado de 12 meses está beirando a casa dos 30%. A cada mês que passa, inquilinos arrancam ainda mais os cabelos. Mamma-mia!

Mas a preocupação ou prioridade, como não poderia ser diferente, é acelerar o ritmo das vacinações e promover a retomada da atividade. Pois como sabemos, o “bolso do governo federal” está furado. Assim, infelizmente neste primeiro semestre não vislumbramos por ora qualquer alteração relevante neste dolorido cenário. Esperamos que o Presidente Jair Bolsonaro e membros de sua equipe consigam de fato aproveitar o “bom momento e dias de paz” que vivem com o Congresso, tendo em vista a eleição vencida por candidatos apoiados. Dessa forma, será possível conseguir os avanços nas reformas necessárias. É agora ou nunca. No bom popular, ou “vai ou racha”.

E continuando a falar de assuntos importantes, mas indigestos, citamos dois: i) Novo Auxílio Emergencial e ii) Taxa de Desemprego. Há quase uma direta correlação entre ambos. Sobre o primeiro, há divergências de pontos de vistas por alguns, porém com a mesma preocupação, que atende pelo nome de “teto de gastos”. O Ministro Paulo Guedes defende que uma nova rodada de auxílio deve ser focada em pelo menos 30 milhões de brasileiros. Mas para isso, precisa combinar as regras com o Congresso Nacional, e quaisquer que sejam essas, isso passa longe de ter apenas boa vontade política. Passa principalmente por ajustes em PEC's e outras emendas, ou acionamento de cláusulas de calamidade pública, para assim poder agir com a segurança jurídica e responsabilidade fiscal.

Em relação à Taxa de Desemprego, encerramos 2020 com 13,9% de desempregados, de acordo com dados da PNAD Contínua² divulgados pelo IBGE. O resultado trimestral foi em linha com as expectativas, com pequena redução em relação a dados de trimestres anteriores. Mas nada a comemorar, pois o desemprego no ano registrou o maior índice em quase uma década. Aliás, esse assunto no Brasil é sempre “água fria em chapa quente” desde os tempos de D. Pedro I.

² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

E como não comentar sobre a nossa principal estatal, a até então “queridinha dos brasileiros”, Petrobrás. Haja “combustível” na fogueira, hein? E se fosse só isso, estaria bom. Também teve “dedo na energia elétrica”, provocando choques em alta voltagens no mercado, que reagiu imediatamente a suposto intervencionismo do Governo. Ainda mais com a anunciada troca de comando na mesma.

E para não ficar por baixo, o vice-presidente da República, Sr. Hamilton Mourão, soltou sua forte e rouca voz para dar seu pitaco na questão. Disse: “O mercado age como um verdadeiro rebanho eletrônico, e a troca de comando na BR é apenas questão de confiança e direito presidencial”. Negando assim que a discussão sobre aumentos do preço dos combustíveis e troca do comando da Petrobrás não caracterizam interferência do governo. O preço disso? A estatal brasileira perdeu em poucas horas, centenas de bilhões de reais em valor de mercado.

E como “fogo” adicional nesta combustão toda, desde o início do ano o litro da gasolina nas refinarias teve alta de quase 35%, e o diesel subiu 28% no mesmo período. Sustentar o apoio e a compreensão principalmente junto aos caminhoneiros, classe mais impactada diretamente e importante base de apoio eleitoral do governo, não será tarefa fácil. E o governo sabe disso.

E para não dizer que não há algo de positivo a destacar, temos sim. O país através de seus governantes tem buscado acelerar de toda forma a vacinação. No ranking de vacinação mundial, segundos dados do Ministério da Saúde, estamos entre as 10 nações que mais vacinou sua população, com quase 10 milhões de brasileiros com ao menos 1 dose aplicada. Pouco é verdade se pensarmos no tamanho da nossa população. Mas segundo esse mesmo Ministério, serão mais 4,7 milhões de doses a ser distribuídas até o final de março, com a expectativa de mais de 200 milhões até julho. E longe de qualquer viés político, como seria bom se todos priorizassem a questão pensando apenas no lado humano. Ser otimista nesta questão é um dever patriótico acima de tudo.

Como de costume, seguem as nossas expectativas, considerando algumas premissas de mercado, para os principais indicadores macroeconômicos para dezembro/2021 (Fonte: Boletim Focus):

São eles:

- IPCA = 3,9% a.a.
- Selic = 4% a.a.
- PIB = 3,3% a.a.

A elevação na expectativa do mercado para a inflação em 2021 deve-se a dois principais fatores:

a) Elevação nos preços dos alimentos.

Tal alta ocorre principalmente pela elevação dos preços das commodities no mercado internacional, já observados neste início de ano, e pela manutenção de um real depreciado frente à moeda norte americana ao longo de 2021.

b) Elevação dos preços administrados.

Em 2020, em função da pandemia, não houve o reajuste de parte dos preços administrados, como por exemplo de energia elétrica e do transporte público. Muitas companhias destes setores sofreram prejuízos no ano anterior. Nesse contexto, espera-se um reajuste “dobrado” em 2021.

Ressalta-se ainda que houve o aumento no preço gasolina nos dois primeiros meses do ano (conforme já comentado anteriormente) dado o aumento do preço do petróleo no mercado internacional. Isto porque, com a retomada da economia global e a incidência de um inverno mais rigoroso do que o de costume no hemisfério Norte, houve um aumento na demanda mundial por petróleo e conseqüentemente pressionando o seu preço.

Em função dos dois fatores comentados anteriormente, os preços administrados devem aumentar em torno de 5,2% neste ano.

Quanto à taxa de juros, foi possível observar um aumento na expectativa para a Taxa Selic. Destaca-se que dentre as 40 principais economias do mundo, somente 6 possuem juros reais positivo. Seguindo este movimento mundial de estimulação à economia durante a pandemia, o Brasil registrou uma taxa de juros real negativa em 2020 de -1,69% (fonte: Infinity).

Espera-se que em 2021, com a retomada do crescimento econômico e com a expectativa de alta de inflação, haja um movimento natural para a elevação da taxa Selic à patamares observados no Brasil “pré” pandemia. Assim, na próxima reunião do Copom em março, esperamos um aumento da taxa Selic em pelo menos 0,5% pp.

Por fim, o Brasil deve registrar um crescimento por volta de 3% no PIB. Tal crescimento é incerto, pois o mesmo depende do avanço da vacinação da população dado que esta possibilitará a retomada do crescimento do setor de serviços, especialmente do comércio.

E assim finalizamos nossa Carta Mensal de fevereiro 21. E como citado inicialmente, assuntos dos mais variados não faltaram.

Despedimo-nos deixando a seguinte frase de Wisnton Churchil ³, para reflexão:

“O pessimista vê dificuldade em cada oportunidade, já o otimista vê oportunidade em cada dificuldade”.

Que possamos todos, em nossas distintas caminhadas, poder escolher o lado que queremos estar. E apesar de tudo que estamos vivenciando nestes tempos de pandemia, que por si só traz mais inseguranças do que certezas, possamos sempre seguir firmes e confiantes.

Força Brasil, força povo guerreiro brasileiro!

³ político e estadista britânico, 15 ministro na segunda guerra mundial.

O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe em cotas de outros fundos. O Fundo investe majoritariamente em FIDC's, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

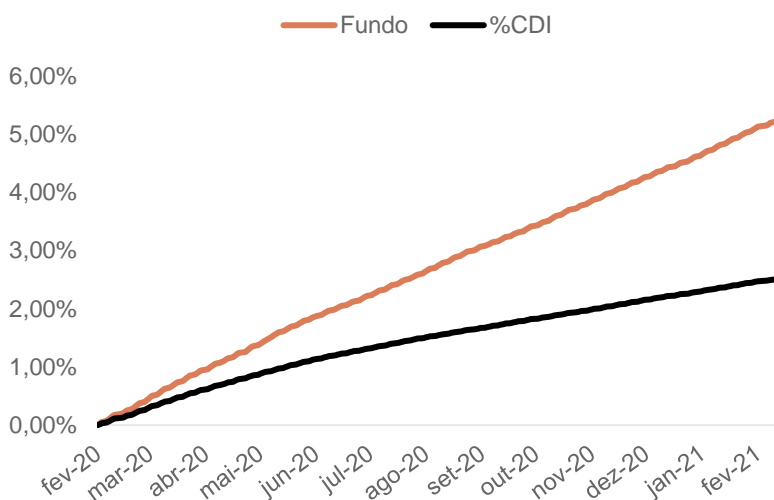
O Fundo rendeu 0,36% no mês ou 267% CDI, superando o seu *benchmark* (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início (período de fevereiro/20 a fevereiro/21). A rentabilidade acumulada desde o início é de 5,30% (209% do CDI).

A posição mantida em caixa no mês foi de 7% do PL na média e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) fechou o período em 53,9%.

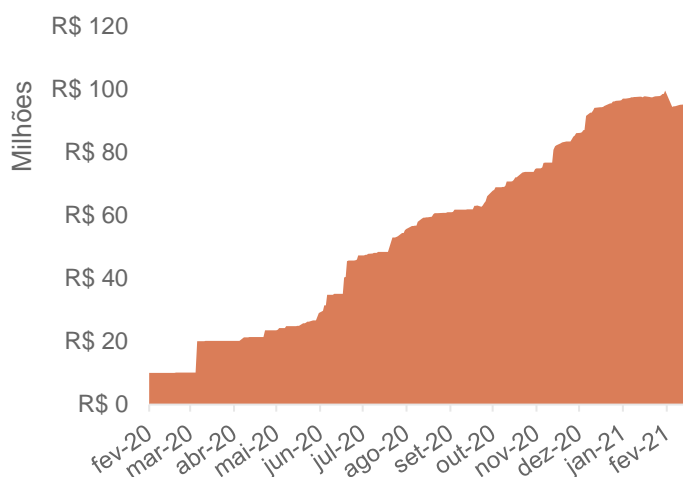
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDC's de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 74% em FIDC'S cota Sênior e 21% em FIDC'S cota Mezanino, representando uma subordinação média ponderada de 41,1%, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%											0,76%	5,30%
	% CDI	265%	267%											266%	209%



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



INDICADORES

PL (R\$)	95.230.243
Volatilidade	0,05%
Ind. Sharpe	51,3605
Índice de Liquidez	53,9%



O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDC's, notadamente em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

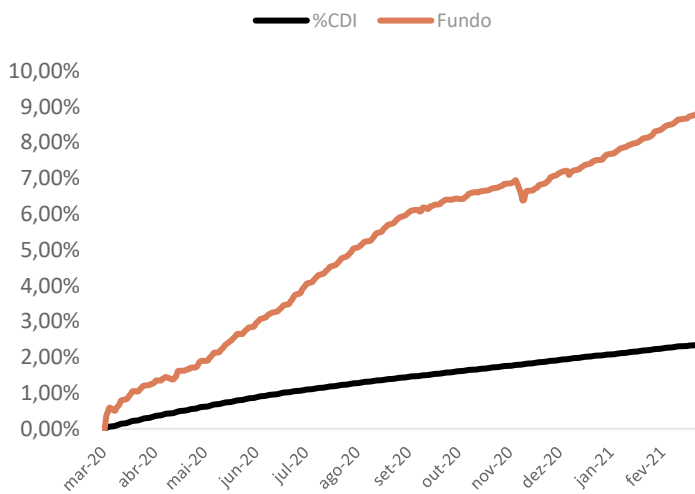
O Fundo rendeu 0,56% no mês ou 414% do CDI. Quanto ao desempenho desde o início do fundo (período de março/20 a fevereiro/21), este foi de 8,91% (378% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início.

Ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 9% do PL. Quanto ao indicador de liquidez (%PL em 180 dias), o Brave II se manteve em bons níveis, fechando o mês em 51,4%.

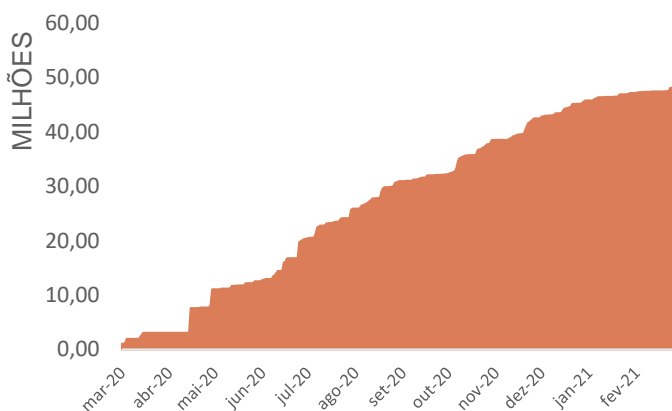
A carteira do fundo está alocada 37% em FIDC'S cota Sênior, 26% em FIDC'S cota Subordinada, 24% em FIDC'S cota Mezanino e 1% em CRA. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDC's de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%											1,16%	8,91%
	% CDI	400%	414%											407%	378%



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



INDICADORES

PL (R\$)	48.109.265
Volatilidade	0,67%
Ind. Sharpe	9,8455
Índice de Liquidez	51,4%



DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br





Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

